

O rio Minho, eixo vertebral na aproximação de populações transfronteiriças. A fixação de galegos na paisagem da margem portuguesa

Aurora Botão Rego

Dependendo da proximidade entre paróquias, da distância entre margens, da existência de passagens seculares onde, em muitos pontos do rio Minho, se torna possível, durante o Verão e em condições climatéricas favoráveis, passar inclusive a pé, o rio Minho facilitou desde tempos remotos a aproximação das populações galegas e minhotas. Mesmo em situações em que a distância entre margens se torna dissuasora da travessia, o constante vaivém de todo o tipo de embarcações de pesca e de transporte sobrepôs-se, durante séculos, às fronteiras administrativas impostas ao longo das margens.

A fixação de imigrantes galegos nos concelhos raianos, desde Caminha a Melgaço, justifica-se pela proximidade geográfica com o sul da Galiza, favorecida ainda pela porosidade do rio Minho que, desde tempos imemoriais, se transformou em agente facilitador de comunicabilidade e de passagem de pessoas e de bens, eixo vertebral que une duas regiões e as suas populações com afinidades antropológicas, históricas e socioculturais de longa data.

Se em Vila Praia de Âncora a fixação de famílias de origem galega a partir de 1825 resultaram num impulso populacional extraordinário que resultou, em grande medida, na sua elevação a vila em 1924, os dados disponibilizados pelos passaportes internos e listas de residentes espanhóis permitem distribuir, desde o século XVIII, um número muito significativo de indivíduos galegos na paisagem do Alto Minho.